

O índio no livro didático de História: uma análise a partir da Lei 11.645/2008

The Indian in the textbook of history: an analysis from the Law 11.645/2008

Edson Hely Silva¹; Luísa Azevedo de Melo².

Resumo

O texto é o relato de uma experiência de pesquisa de iniciação científica no Ensino Médio. Onde sob a orientação do professor a aluna procurou fazer a análise crítica de textos e imagens em coleções de livros didáticos de História indicados para o Ensino Fundamental e Médio em 2011-2013. Com o objetivo de averiguar se contemplavam as exigências da Lei.11.645/2008 que determinou a inclusão do ensino de História e Culturas Indígenas nos currículos escolares da Educação Básica. Foram observadas nos livros analisados poucas mudanças nas abordagens dos conteúdos a respeito dos indígenas. No geral repetiam generalizações, desinformações e equívocos. Favorecendo os preconceitos e o desconhecimento sobre os povos indígenas em suas diferentes expressões socioculturais no Brasil.

Abstract

The text is the report of an undergraduate research experience in high school . Where under the guidance of teacher to student sought to make a critical analysis of texts and images into collections of textbooks of history indicated for primary and secondary education in 2011-2013 In order to ascertain whether contemplated the requirements of Lei.11.645 /2008 determining the inclusion of the teaching of history and Indigenous Cultures in school curricula of basic education . Were observed in the books analyzed few changes in the approaches of the contents about the Indians. Overall repeated generalizations , misinformation and misconceptions . Fostering racism and ignorance about indigenous peoples in their different social and cultural expressions in Brazil.

Palavras-chave: Índios. Ensino. Preconceitos.

Keywords: Indians. Education. Racism.

¹ Doutor em História (UNICAMP). Leciona História no Colégio de Aplicação/UFPE. Orientador do Projeto PIBIC-EM/2013 “O índio no livro didático de História: uma análise a partir da Lei 11.645/2008”

² Aluna da 1ª Série do Ensino Médio no CAp/UFPE. Bolsista do PIBIC-EM/2013.

Introdução

O presente texto é o relato da experiência da realização do Projeto PIBIC-EM/2013 “O índio no livro didático de História: uma análise a partir da Lei 11.645/2008”, onde buscamos analisar as imagens sobre os índios no Brasil nos livros didáticos de História indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio 2011-2013. Observando se contemplavam as exigências da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da História e das Culturas indígenas nos currículos escolares da Educação Básica em nosso país. Procuramos observar se os conteúdos a respeito dos povos indígenas atendiam ao que se referiu à citada Lei são e não repetam os tradicionais estereótipos, as desinformações, os equívocos e preconceitos sobre os povos indígenas em suas diferentes expressões socioculturais no Brasil.

As visões sobre os índios vêm mudando nos últimos anos em decorrência da visibilidade política conquistada pelos próprios indígenas. As mobilizações dos povos indígenas em torno das discussões e debates para a elaboração da Constituição em vigor, aprovada em 1988, e as conquistas dos direitos indígenas, fixados na Lei maior do país, possibilitaram a garantia dos direitos (demarcação das terras, saúde e educação diferenciadas e específicas, etc.), e a (re)descoberta dos índios pela sociedade. Além disso, a sociedade brasileira cada vez mais se descobre plural em razão das organizações e mobilizações dos movimentos sociais que reivindicam o reconhecimento e o respeito aos seus direitos.

Esse reconhecimento também exige posturas e medidas por parte das autoridades governamentais a fim de que diferentes sujeitos sociais sejam ouvidos na explanação da necessidade de novas políticas públicas que reconheçam, respeitem e garantam essas diferenças. Como por exemplo, na Educação, a formulação de políticas educacionais inclusivas das histórias e expressões socioculturais no currículo escolar, nas práticas pedagógicas. Só a partir disso é que deixaremos de tratar as diferenças socioculturais como estranhas ou exóticas e folclóricas. (Re)conhecendo em definitivo os povos indígenas nos seus direitos as suas expressões socioculturais que contribuem decisivamente para a nossa sociedade. (SILVA, 2012).

A Lei 11.645/08 de março/2008 que tornou obrigatório o ensino sobre a história e culturas indígenas nos currículos escolares da Educação Básica no Brasil, ainda que careça de maiores definições, objetivou a superação dessa lacuna na formação escolar, contribuindo para o reconhecimento e a inclusão das diferenças étnicas dos povos indígenas, para se

repensar em um novo desenho do Brasil em sua diversidade e da pluralidade culturais. Para a aplicação da Lei 11.645/08 é necessário, sobretudo também, elaborar subsídios didáticos destinados aos vários níveis do ensino para colocá-los a disposição principalmente de educadores nas escolas públicas. Lembrando que o livro didático constitui um dos ou senão o mais importante subsídio utilizado em sala de aula.

A indicação do livro didático a ser adotados nas escolas faz parte de uma política pública sob a égide do MEC por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O livro didático é um guia de conteúdos a ser estudados por professores e alunos, todavia trata-se de um subsídio didático que expressa valores, concepções e visões de mundo. Nesse sentido, “Várias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade burguesa” (BITTENCOURT, 2002, p.72).

Os índios representados nos livros didáticos, por meio de textos e imagens, foram sempre estereotipados. Faz-se necessário, portanto, indagar até que ponto os livros didáticos publicados posteriormente à Lei 11.645/2008 incluíram conforme a determinação legal, os conteúdos sobre história e culturas dos povos indígenas no Brasil.

1. Objetivos e metodologia

Como objetivos do Projeto da pesquisa procuramos analisar criticamente textos e imagens sobre os índios em coleções de livros didáticos de História indicados pelo PNLD para o Ensino Fundamental e Médio para o período letivo 2011-2013, a fim de observar se contemplavam as exigências da Lei 11.645/2008. Após leituras de pequenos textos teóricos (capítulos de livros ou periódicos) mais recentes, de cunho historiográfico e pedagógico e que abordaram os povos indígenas no Brasil, foram discutidos textos que trataram do livro didático, bem como estudos que problematizam a temática indígena no mesmo. Em segundo momento foram analisadas coleções de livros didáticos de História indicados para o Ensino Médio e Fundamental para o ano de 2011-2013. Foram analisadas as coleções citadas abaixo.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes; CAPELLARI, Marcos Alexandre. **História: coleção ser protagonista**. São Paulo, Editora SM, 2010.

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz; CAMPOS, Helena Guimarães. **Estudos de História**. São Paulo, FTD, 2010.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História**. São Paulo, Saraiva, 2010.

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. **Conexão com a História**. São Paulo, Moderna, 2010.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História Geral e do Brasil**. São Paulo, Saraiva, 2010.

PELLEGRINI, Marco Cesar; DIAS, Adriana Machado; GRINGERB, Keila. **Novo olhar na História**. São Paulo, FTD, 2010.

2. Resultados e discussões

Observamos nos livros analisados que as abordagens favoreciam estigmas e estereótipos no imaginário de estudantes, professores e no senso comum. Constatamos a ausência de articulação entre o conhecimento acadêmico, as novas pesquisas e abordagens sobre os povos indígenas e o que é informado e tratado nos livros didáticos para o Ensino Médio e Fundamental. Entretanto, observamos também uma mudança, mesmo que simplória, no tratamento da temática indígena. Mas, a análise será apresentada partir das permanências.

A introdução e a maior concentração sobre temática indígena nos livros didáticos analisados estavam nos capítulos referentes ao estudo da colonização portuguesa no Brasil. O foco, quando este assunto foi tratado, não eram as sociedades indígenas e suas diversas e complexas riquezas socioculturais, mas sim o seu contato com o colonizador. Tratando-se de uma História etnocêntrica, na qual se difunde o conhecimento a partir de eventos significativos sob o ponto de vista basicamente da historiografia europeia. Os povos indígenas, sob este ponto de vista, assumindo o papel de meros coadjuvantes no desenrolar da história, cabendo aos colonizadores o papel de sujeito dos/nos acontecimentos. Tal afirmação foi explícita na escolha dos títulos e subtítulos dos capítulos que tratavam dos povos indígenas. Por exemplo: “A colonização na América portuguesa” (VAINFAS, 2010), “O Brasil antes de Cabral” (ALVES, 2010).

Até mesmo quando os capítulos eram exclusivamente dedicados à temática indígena e tratados cronologicamente antes da chegada dos colonizadores, a “sombra europeia” foi constante. Como no trecho extraído de um capítulo dedicado ao tema e que se referiu às populações indígenas antes da colonização:

O território que os europeus conquistaram e chamaram de Brasil, no Século XVI, era habitado por cerca de três milhões de indígenas, pertencentes a aproximadamente 900 povos. Cada povo tinha seu próprio modo de vida, seus costumes e sua língua. (coleção *Novo Olhar História*, vol. 1, p. 244, PNLD/2010).

As referências às expressões socioculturais indígenas foram, na maioria das vezes, em comparação com as expressões europeias. E o etnocentrismo evidente na comparação onde a diferença cultural não foi bem discutida. Os saberes indígenas foram desconsiderados e as diferenças enfatizadas em detrimento das expressões socioculturais indígenas. Trataram esses povos não pelo o que expressavam, mas pelo o que não tinham em relação às expressões socioculturais europeias: a ausência de governo, a falta do conhecimento metalúrgico, o nomadismo, o agrafismo, etc. A exemplo do trecho abaixo, onde a abordagem das diferenças foi apareceu de forma simplista e negativa:

[...]os índios do Brasil não construíram cidades, não viviam em sociedades rigidamente estratificadas e hierarquizadas nem dispunham de estruturas complexas e centralizadoras de poder.(coleção *Conexões com a História*, vol. 1, p. 272, PNLD/2010).

Raramente foram citadas as significativas participações dos índios em relação às expressões socioculturais no Brasil. As relações, as formas de trabalho e educação, a significação e as formas das práticas rituais, as redes de parentesco, a organização familiar, as relações com outros povos e tantos outros aspectos foram simplificados e não foi discutido a importância da estrutura e da dinâmica dos povos indígenas na História do Brasil. O que vimos foi o pensamento comum de que a “contribuição” dos conhecimentos indígenas no Brasil resumiu-se as ervas, o artesanato, na incorporação de algumas palavras ao vocabulário nacional, etc. Temas abordados de forma genérica e simplista, cristalizando o imaginário preconceituoso, contribuindo para a mitificação do índio, para a exaltação do exotismo. Os livros didáticos analisados em sua maioria traziam discursos e imagens preconceituosas, com presunções evolucionistas e etnocêntricas da História. Como na citação a seguir:

Os grupos indígenas que aqui viviam antes da chegada dos portugueses eram, em sua maioria, politeístas, e seus rituais celebravam as entidades associadas à natureza e espíritos protetores (da guerra ou do plantio, por exemplo). Muitos povos, principalmente os do norte, dominavam a cerâmica e técnicas de tecelagem. (coleção *Conexões com a História*, vol. 1, p. 272, PNLD/2010).

Em geral todos os autores enfatizam as mesmas informações sobre os povos indígenas e apresentam características comuns desses povos como se não apresentassem diferenças significativas e assim aniquilando a diversidade e a complexidade de suas expressões socioculturais. Ao retratar os povos indígenas no Brasil, os autores ressaltaram uma

diversidade, porém, muitos se limitaram a exemplificar com uma ou duas etnias, ou seja, de forma bastante simplória. Como, por exemplo, nas abordagens escolhidas pelas coleções *História* (VAINFAS, 2010) e *Conexões com a História* (ALVES, 2010), onde apenas os índios de língua Tupi foram apresentados. Enquanto que os indígenas habitantes no interior não foram discutidos, sendo apenas citados. Como também foram generalizados pelas características comuns, dando a ideia de um só grupo, uma só identidade. O contraditório é que ocorreu um discurso sobre a importância dessa diversidade sociocultural, como também sobre a necessidade de combater os estereótipos e os preconceitos, mas existindo uma persistência na apresentação genérica e simplória desses povos. Um aspecto que mereceu destaque foi o uso do verbo no pretérito quando se fez referência às características dos povos indígenas. Como culturas extintas com a colonização deixando apenas alguns vocábulos e conhecimentos referentes à Natureza.

As abordagens remetendo o índio ao passado, juntamente com o pensamento evolucionista, afirmando que os povos americanos estavam em um estágio “primitivo”. Um pensamento de inferioridade e estagnação sobre as sociedades indígenas, ignorando as mudanças que vivenciaram ao longo dos séculos da colonização. Prevalecendo discursos e imagens sobre os índios da atualidade, desprovidas de qualquer relação com os avanços tecnológicos (celulares, computadores, vida urbanizada etc.). Como povos exóticos vivendo eternamente no passado, seres a parte do mundo ocidental onde estão inseridos, que andam nus pelas florestas, caçam, pescam e gostam de enfeites. Negando, omitindo que os povos indígenas são tão contemporâneos quanto os não índios. E nem por isso deixem de “ser índio”. Ser índio é algo intrínseco ao indivíduo indígena e não algo externo.

Livros com abordagens etnocêntricas, retratando o índio como submisso e ingênuo, incapaz perante o mundo não índio. Como observado no trecho se referindo aos indígenas:

Desde a chegada dos europeus à América, a população indígena sofreu um grande decréscimo devido, principalmente, ao processo de conquista e colonização do território. Apesar disso, muitos povos indígenas conseguiram sobreviver refugiando-se em regiões isoladas. (coleção *Novo olhar História*, vol. 1, p. 246. PNLD/2010).

Os livros analisados, em sua maioria, abordaram a temática indígena na atualidade reforçando a ideia de decadência e a situação indígena difícil. Foi unânime a relação dos povos indígenas na atualidade com os conflitos territoriais e a brusca redução populacional. Quando tratada a demografia, não foi explorada as informações dos censos oficiais que

afirmam estarem às populações indígenas aumentando numericamente não se restringindo a povos do passado colonial.

Portanto, não existiu uma conexão dos momentos históricos, unindo o passado ao presente. Os livros didáticos não oferecem informações para a compreensão da presença dos índios ao longo da História, principalmente porque o tema só foi discutido quando abordados períodos específicos da História do Brasil, como a colonização. E não foi apresentando qualquer envolvimento dos indígenas nos períodos do Império e República, enfatizando, assim, a desconexão desses povos com/na História recente do país.

Foram apresentadas imagens contraditórias e fragmentadas sobre os índios. Que inicialmente tidos como cordiais e amigáveis com os europeus, trabalhando na extração do pau-brasil em troca de “quinilharias”, passaram por um processo de “aculturação” promovido pelos Jesuítas e, finalmente, desapareceram ou habitam em matas vivendo em uma difícil situação de conflitos territoriais. A exemplo dos trechos:

Os exploradores de pau-brasil, conhecidos como brasileiros, geralmente utilizavam a mão de obra indígena, paga por meio do escambo com quinilharias, roupas e ferramentas. (coleção *História: Geral e do Brasil*, vol. 1, p. 211 e 212, PNDL/2010).

Os indígenas davam muito valor às mercadorias oferecidas pelos portugueses, a exemplo de tesouras ou facas, que eram rapidamente aproveitadas em seus trabalhos. Mas em termos de valor de mercado, o escambo era mais vantajoso para os portugueses, pois ofereciam mercadorias baratas, enquanto o pau-brasil alcançava excelente preço na Europa. (coleção *História*, vol. 1, p. 306, PNDL/2010).

São evidentes as abordagens etnocêntricas nesses trechos, nas quais os autores utilizaram em consideração seus valores para avaliar o escambo praticado entre os colonizadores e os índios. A maioria dos livros didáticos analisados, quando se referiram aos contatos entre índios e missionários, resumiu a questão mostrando os índios como aldeados, submetidos e absorvidos, numa tendência de vitimização dos índios. A “aculturação” foi mostrada como único caminho, se não a morte ou a exclusão em matas, para os índios que tiveram contato com os europeus:

Assim como ocorreu na América espanhola, o empreendimento colonizador português promoveu a desestruturação e mesmo a destruição de inúmeras comunidades indígenas. [...] Para consolidar este cenário devastador, soma-se o próprio processo de aculturação, promovido não apenas pelo trabalho compulsório indígena, mas também pela ação evangelizadora dos missionários católicos. (coleção *Estudos de História*, vol. 1, p. 261, PNDL/2010).

Muitos deles abandonaram seus territórios ancestrais e dirigiram-se para o interior do continente, procurando ocupar áreas onde a presença europeia não fosse efetiva. (coleção *Novo olhar História*, vol. 2, p. 97, PNDL/2010)

Foram observadas propostas de discussões sobre as variadas formas de resistência dos povos indígenas, tanto em relação à escravidão, como aos aldeamentos e outras formas de exploração. Porém, muitas vezes essas discussões foram abordadas em páginas a parte do capítulo, como que complementares ao estudo, legitimando a historiografia eurocêntrica de que os feitos dos povos indígenas não representavam prioridade no estudo da História do Brasil!

Entretanto, constatamos um avanço quanto ao estudo da presença dos povos indígenas no continente americano. Presença esta que antes não era discutida, e sim aceita como um fato. Isso mostrando que aos poucos os índios citados nos livros didáticos como sujeitos de sua história, dando visibilidade aos feitos e as expressões socioculturais de povos milenares.

As coleções analisadas se diferenciaram das publicadas anteriormente pelo estudo do povoamento do continente americano. E merecendo destaque a coleção *Estudos de História* (FARIAS, 2010), que dedicou um capítulo ao povoamento do continente americano, não só do povoamento em si, mas também com um capítulo sobre o povoamento da América. Questionando no capítulo posterior o conceito de descoberta, só fazendo sentido se nos ativermos à historiografia europeia e ignorarmos a História do continente americano. Um avanço em relação aos livros didáticos mais antigos. Dessa forma sendo de extrema importância o estudo do povoamento e da história do nosso país antes da colonização europeia, evitando omissões, simplificações e generalizações dos povos indígenas, quando não considerado significativo o estudo do processo histórico vivenciado no continente pelos povos indígenas. Muitos dos autores analisados, no início de suas abordagens explicitaram a intenção de desmistificar as visões equivocadas sobre os índios e de conectar as suas existências com a atualidade, frisando que estes povos não se resumiam ao passado. A coleção *Ser protagonista* (NOGUEIRA, 2010) trouxe uma proposta *para combater os estereótipos e a discriminação* de negros e índios. Na introdução do livro explicando como o livro era organizado, encontramos páginas nomeadas de “Presença indígena” e “Presença da África”, com a seguinte descrição: “Textos e atividades para combater os estereótipos e a discriminação”. Sendo de extrema importância essa preocupação ao combater representações equivocadas e negativas sobre tais povos. Porém, essa foi uma das poucas coleções que evidenciou tal abordagem; nas outras coleções os indígenas só apareceram e foram tratados como vítimas da colonização.

As guerras e as violências contra os indígenas, não devem deixar de ser abordados e esclarecidos. Mas, não são os únicos temas para se referirem aos indígenas. A historiografia brasileira, a Ecologia, a sustentabilidade, a Educação, a questão territorial no Brasil, a apropriação e resistência sociocultural, são temas utilizados para o estudo sobre os indígenas. Por esses caminhos, a ideia do índio selvagem, vinculado ao passado e desprovido é desfeita. Estabelecendo a conexão entre o passado e a atualidade, para que o estudante conheça e compreenda porque durante tempo o indígena foi apresentado de forma simplista e preconceituosa.

Nos livros didáticos analisados foram perceptíveis algumas mudanças positivas relativas ao uso de pinturas, ilustrações e gravuras referentes ao processo da colonização. Recursos visuais predominantemente feitos por europeus ou não indígenas, retratando assim a visão do colonizador e o que desejaram transmitir com tal imagem. Os autores lançaram mão de imagens e textos que se complementavam, provocando uma reflexão crítica sobre o demonstrado. Como, por exemplo, as legendas das fotografias, gravuras e pinturas selecionadas para a ilustração de algumas das coleções. Pinturas e gravuras clássicas no estudo da colonização brasileira, mesmo retratando a visão do colonizador, foram utilizadas, pois não é possível negar a sua importância para a historiografia. Porém, as legendas críticas explicativas contribuíram para superação de ideias equivocadas e preconceituosas. Como, por exemplo, a legenda da *Primeira missa no Brasil* (1860) de Victor Meirelles:

A obra coloca o europeu no centro da imagem e da história. Os indígenas ao redor assistem à cerimônia, curiosos e submissos, como se aceitassem passivamente a cultura e a religião europeia. (coleção *Ser protagonista*, vol. 2, p. 50. PNDL/2010).

Outro exemplo na gravura *José de Anchieta* (1680-1710) de Giovanni-Girolamo Frezza:

Observe que o jesuíta é revestido de uma aura, e a missão de catequese é apresentada através da dominação dos animais selvagens. O indígena é retratado como parte dessa natureza hostil que se curva à evangelização. (coleção *Ser protagonista*, vol. 2, p. 57. PNDL/2010).

Ocorrendo outro avanço nas abordagens dos livros didáticos, uma vez que as imagens são importantes subsídios para a formação dos conceitos pelos alunos. Mas, dos livros analisados, foram poucas as coleções que desenvolveram e discutiram de forma pioneira a não reprodução de estereótipos e generalização das expressões socioculturais indígenas. Como: *Estudos de História* (FARIA, 2010), *Ser protagonista* (NOGUEIRA, 2010), *História: Geral e*

do Brasil (MORAES, 2010). Nesses livros, os autores preocuparam-se em discutir a discriminação e os preconceitos difundidos no imaginário pelos livros didáticos, por meio de textos críticos que abordam tal tema. Foi perceptível a mudança em alguns âmbitos na abordagem da temática. Palavras como “primitivo” foram menos frequentemente usadas e em alguns livros estiveram ausentes no decorrer dos capítulos que trataram dos indígenas. Com textos, imagens, documentos e atividades que sendo aplicados didática e criticamente, possibilitarão novas reflexões acerca da História do Brasil, que está sendo refeita e atualizada à medida que fontes e temas antes não explorados ou ignorados, atualmente são discutidos ou lidos para que a História do nosso país não tenha apenas uma visão, a europeia.

Considerações finais

A maior dificuldade para a realização da pesquisa foi coadunar o tempo de estudos com as atividades pedagógicas exigidas enquanto aluna do Colégio de Aplicação/UFPE e os momentos para leituras e análises das coleções didáticas. Assim como tempo para realizar as leituras dos textos de apoio e os encontros com o professor-orientador da pesquisa. Outra dificuldade decorreu da natural inaptidão inicial para realização de uma pesquisa dessa natureza. Mas, por outro lado foi uma experiência muito instigante e importante na realização de leituras, reflexões e análises, no aprendizado da sistematização de informações para elaboração de um texto resultado de uma pesquisa. Contribuindo, sobremaneira, para nossa formação crítica sobre a temática indígena.

Constatamos com a análise das citadas coleções de livros didáticos de História indicados pelo PNDL para o Ensino Fundamental e Médio 2011-2013, a persistência nas desinformações e superficialidades sobre a temática indígena por parte da maioria dos autores analisados. A reprodução de estereótipos, o etnocentrismo, a ênfase da relação permanente dos povos indígenas ao passado, a negligência no tratamento dos saberes indígenas, como também as imprecisões conceituais estiveram presentes em um subsídio didático utilizado, muitas vezes, como única fonte de informações e conhecimento. Dessa forma, a escola, ao invés de desmistificar e ampliar a visão dos seus alunos contribui para a disseminação de ideias lacunares, genéricas, preconceituosas e defasadas sobre os povos indígenas.

Apesar da Lei 11.645/2008 e de iniciativas que vêm sendo realizadas no âmbito escolar e didático nas discussões sobre a temática indígena, ainda estamos muito longe de um reconhecimento dos povos indígenas na História do Brasil. Os novos estudos e abordagens

sobre os povos indígenas acadêmicos uma vez assimilados nos livros didáticos possibilitarão uma nova perspectiva, mais informativa e crítica como exige a legislação. Não se procura um livro didático perfeito, mas que contemple com qualidade o estudo a respeito dos povos indígenas, que participaram e participam efetivamente e decisivamente na História do Brasil.

Referências

- ALMEIDA, Maria R. C. de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro, FGV, 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n. 9394/96. Brasília, MEC. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais para a formação de professores indígenas**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BITTENCOURT, Circe M. F. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 6ª ed. São Paulo, Contexto, 2002.
- BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992.
- CUNHA, Manuela C. da. (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GOBBI, Izabel. **A temática indígena e a diversidade cultural nos livros didáticos de História**: uma análise dos livros recomendando pelo Programa Nacional do Livro Didático. São Carlos, UFSCar, 2006. (Dissertação Mestrado em Ciências Sociais).
- GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. São Paulo, Sec. Mun. de Cultura de São Paulo, 1992.
- GRUPIONI, Luís Donizete Benzi; SILVA, Araci Lopes da. (Orgs.). **A temática indígena na escola**. Brasília, MEC/MARI. 1995.
- GRUPIONI, Luis Donisete Benzi; FISCHMANN, Roseli; VIDAL Lux. (Orgs.). **Povos indígenas e tolerância**: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo, Edusp, 2002.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. São Paulo, Edusp, 2008.

OLIVEIRA, João Pacheco de. FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília, MEC/Secad, 2006.

OLIVEIRA, J. P. de. (Org.). **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2ª ed. Rio de Janeiro, Contra capa, 2004.

SANTILLI, Márcio. **Os brasileiros e os índios**. São Paulo, SENAC, 2000.

SILVA, Edson. História e diversidades: os direitos às diferenças. Questionando Chico Buarque, Tom Zé, Lenine... In: MOREIRA, Harley Abrantes. (Org.). **Africanidades**: repensando identidades, discursos e ensino de História da África. Recife: Livro Rápido/UPE, 2012, p. 11-37.

SILVA, Edson. Expressões da cultura imaterial indígenas em Pernambuco. In, GUILLEN, Isabel C. M. (Org.). **Tradições & traduções**: a cultura imaterial em Pernambuco. Recife, EDUFPE, 2008, p.215-230

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes; CAPELLARI, Marcos Alexandre. **História: coleção ser protagonista**. São Paulo: Editora SM, 2010.

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz; CAMPOS, Helena Guimarães. **Estudos de História**. São Paulo: FTD, 2010.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História**. São Paulo: Saraiva, 2010.

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. **Conexão com a História**. São Paulo: Moderna, 2010.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2010.

PELLEGRINI, Marco Cesar; DIAS, Adriana Machado; GRINGERB, Keila. **Novo olhar na História**. São Paulo: FTD, 2010.